

DENIS BERNARDES, MEU AMIGO

Denis Antônio de Mendonça Bernardes nasceu em 1947, era o sétimo dos onze filhos do médico alagoano Diógenes Jucá Bernardes e de Dona Hermé de Mendonça Bernardes. Veio para o Recife aos 16 anos, onde concluiu seu curso secundário; ainda na adolescência, em Maceió, iniciou a grande amizade com seu “irmão” por mútua opção, o cientista político Gildo Marçal Brandão, só interrompida pelo falecimento de Gildo, em fevereiro de 2010. A partir de 1963, como secundarista, Denis participou ativamente da JEC (Juventude Estudantil Católica) e de sua guinada em direção aos ideais socialistas; nesses primeiros anos de Recife, compartilhou moradia com o cearense Tito Alencar de Lima (posteriormente, Frei Tito), na Casa dos Permanentes da JEC regional, um pensionato mantido pela Ação Católica, situado na Rua dos Coelhos. Em 1966, no início de seu curso de graduação em História, teve ainda uma rápida passagem, junto à AP (Ação Popular), pela militância política mais direta.

Como aluno da graduação, Denis logo se vinculou ao que a UFPE poderia lhe oferecer de mais consistente, o historiador José Antônio Gonsalves de Mello e a equipe de professores que ele dirigia: Maria de Lourdes de Lima Ramos, Enilda Regina Silva e Vera Lúcia da Costa Acioli. Com esse grupo, ao qual aderiu a colega Natália Maia, manteve constantes laços profissionais e fraternos. Natália se lembra que ele tinha a “unanimidade dos afetos” da turma formada em 1969;

ressalta ainda o cuidado com que Denis cultivava suas amizades, “celebradas nos carnavais de sonhos e fantasias em Olinda e no Recife Antigo”. Enilda Regina se recorda da concisão e objetividade da escrita do seu ex-aluno desde os primeiros trabalhos universitários. Quanto a José Antônio Gonsalves de Mello, Denis o considerava, não apenas um primeiro, mas um decisivo exemplo do que deveria ser o ofício do historiador. Dele guardaria sobretudo o testemunho do pesquisador dedicado e incansável que construiu uma obra única, pioneira e fartamente documentada sobre o período colonial em Pernambuco: *Tempo dos Flamengos* e *Gente da Nação*, dentre outros, são livros para honrar e engrandecer qualquer universidade do primeiro mundo. Lembrando ainda de todo o trabalho do seu professor na catalogação dos documentos da Torre do Tombo, em Lisboa, aplainando um muito pedregoso terreno para futuros historiadores, Denis gostava de dizer e enfatizar: se tivermos sorte, talvez em 100 anos, a UFPE possa receber um legado equivalente ao que lhe deixou José Antônio.

Logo que concluiu a graduação, Denis recebeu da UFPE uma bolsa como tutor do Colégio de Aplicação. Em 1971, iniciou sua primeira estadia na França; trabalhou sob a orientação de Frédéric Mauro, e redigiu uma “maîtrise” sobre a pré-industrialização do Nordeste. Travou ainda contato com a obra de Pierre Vilar que foi a segunda maior referência em sua formação. Através de suas pesquisas sobre a Catalunha, Vilar construía a obra que se impunha para Denis como um paradigma de rigor historiográfico. José Antônio Gonsalves de Mello e Pierre Vilar navegaram por parâmetros metodológicos muito distintos e até mesmo opostos; acolher o legado de ambos tinha a ver com a lucidez e a generosidade de Denis; firmando sua autonomia, nunca pautou considerações teóricas por quaisquer outras exigências que não primassem pela qualidade da pesquisa histórica: não se afastou dos mais experientes por discordar de suas opções ideológicas, assim como não se aproximou dos menos competentes apenas porque poderiam se encontrar mais próximos de suas próprias posições políticas.

Quando retornou da França para a UFPE, em 1975, Denis vinculou-se como professor ao Colégio de Aplicação, pois o Departamento de História, por razões pouco claras, nunca se empenhou para contratá-lo, não levando em conta que perderiam sobretudo os alunos. Em seguida, por alguns anos, Denis deu aulas de História Econômica, no Departamento de Economia, período em que pesquisou sobre a cultura do algodão no período colonial, em Pernambuco, e sobre o Nordeste, repensado a partir da “questão regional”. Pouco tempo depois, transferiu-se para o Departamento de Serviço Social que o acolheu nos anos de sua plena fecundidade intelectual. Entre o final dos anos 70 e o início da década de 80, foi editor e colaborador da revista *Vidas Secas*.

Em 1982, inicia a sua segunda estadia na França e a exaustiva pesquisa que se transformaria em sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2002, sob a orientação de István Jancsó. Nesse ínterim, dedica-se intensamente às aulas, ao trabalho de orientação dos alunos e à pesquisa. Em 1983, publicaria pela Global o seu primeiro livro: *Um império entre Repúblicas*. Do século XIX, entre os períodos colonial e imperial, duas personalidades históricas mereciam a confessa admiração de Denis: José Bonifácio, o estrategista da integridade geográfica do Brasil e Frei Caneca, o revolucionário indomado, de 1817 e 1824, que clamava pela República e por uma pátria de homens iguais, antes mesmo da Independência; como herdeiros da Ilustração, prezava em ambos a condenação da escravidão, a defesa enfática do trabalho livre e a valorização da educação. Sobre o primeiro publicou um longo artigo: *A visão do passado colonial do Brasil no pensamento de José Bonifácio de Andrada e Silva*, 2006; sobre o segundo, destacamos dois artigos, dentre alguns outros: *A Idéia do Pacto Social e o Constitucionalismo em Frei Caneca*, 1997 e *O papel de Frei Caneca na independência do Brasil*, 2000.

Entre os livros que publicou ou organizou, temos ainda: *A praxis política e a economia em Pernambuco*, 1988 (junto com Antônio Paulo Rezende); *Recife, o caranguejo e o viaduto*, 1996; *José Antonio Gonsalves de Mello: Da Inquisição ao Império*, 2004; *EDUFPE 50 anos: Histórias e perspectivas*, 2006 (junto com Antônio Paulo Rezende e Gilda Lins de Araújo); *Memórias de criação da Cidade Universitária e da Universidade do Recife*, 2007; *Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco*, 2008. Em 2010, contribuiu com uma obra coletiva, publicada pela UNESP e organizada por Aníbal Bragança e Márcia Abreu, que foi agraciada com o prêmio Jabuti de Comunicação em 2011: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*; seu artigo intitulava-se: *Impressos e Liberdade, notas para uma historiografia da tipografia em Pernambuco (1817-1850)*. Entretanto, seu mais alentado estudo, avaliado como uma pesquisa historiográfica de primeira linha pelo historiador Fernando Novais, conforme depoimento público em sua defesa de doutorado, *O patriotismo constitucional: Pernambuco, 1820-1822*, só foi publicado pela Hucitec, em 2006.

Nos últimos anos, Denis Bernardes dedicou-se à investigação sobre as lutas sociais e sindicais em Pernambuco, sobre a fundação do Estado e da Nação brasileiros, sobre a memória da Escola de Serviço Social de Pernambuco, e sobre as questões urbanas, coordenando o projeto *Recife em transformação, modos de morar e de construir*, patrocinado pelo Funcultura. Supervisionou também pesquisas acadêmicas vinculadas à WATERLAT, rede internacional de investigação e ação direcionada ao controle e à distribuição da água na América Latina e no Caribe.

Desde 2010, tornou-se editor da *Revista Estudos Universitários* da UFPE, em sua nova fase, e membro do Conselho Interdisciplinar de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional. Aficionado pela literatura, sua cultura era bastante ampla nesse domínio; acreditava que nenhuma boa interpretação histórica dispensaria o conhecimento da literatura produzida no tempo e no espaço que se focalizava; limitamo-nos a citar apenas duas de suas paixões na sua segunda pátria, a França: Honoré de Balzac e Charles Baudelaire; e três de suas paixões na literatura produzida no Brasil: Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Murilo Mendes.

Mais significativo do que todos os títulos e cargos era o modo franco, alegre e espontâneo com que, apesar da postura reservada, Denis se relacionava com todas as pessoas. Quando nos despedimos dele, na reitoria da UFPE, testemunhamos os depoimentos emocionados dos seus amigos, colegas e alunos a quem ele tanto se dedicou; muito particularmente, tocou-nos o depoimento de Fabiana Morais Cavalcanti que, ainda muito criança, acompanhando a mãe, Margarida Morais, na casa de Olinda, onde ajudava nos trabalhos domésticos, começou a descobrir os primeiros livros porque Denis os colocava em suas mãos infantis. Foi desse primeiro contato que saiu sua vocação para o estudo e a disposição para, alguns anos mais tarde, tentar a universidade até se tornar uma pós-graduada em Letras.

Denis Bernardes exerceu como poucos a virtude da amizade. Sempre reconheceu e foi reconhecido por seus leais amigos que não foram poucos. Citei apenas alguns. Apesar de ele ter se afastado das crenças e práticas religiosas, para finalizar, como exemplo, relembremos dois dos seus grandes amigos de juventude, vinculados à Igreja Católica. Nomes que se faz muito oportuno evocar nesse momento de implantação da Comissão da Verdade, em âmbito Nacional e Estadual. O primeiro, Frei Tito de Alencar Lima, cujo martírio, decorrente das torturas que sofreu, Denis honrou através do nome que escolheu para o seu filho primogênito: Tito André. O segundo exemplo, símbolo desse reconhecimento das afinidades eletivas que Denis tanto doou quanto recebeu ao longo de sua vida, ilustramos com um raro e muito precioso documento histórico.

O Pe. Antônio Henrique Pereira Neto, entre os anos de 1963 e 1968, ofertou uma bíblia a seu amigo, na época, o estudante Denis Antônio. Na dedicatória, não datada, Henrique selecionou um trecho do livro de Jeremias, 23,9:

*Parte-se dentro de mim o coração,
e se me abalaram todos os ossos.
Assemelho-me a um ébrio,*

*qual homem prostrado pelo vinho,
por causa do Senhor e de SUA PALAVRA SANTA.
A Denis, do filho do Pai,
a. henrique*

Aqui se encerra a dedicatória, escrita a partir da tradução dos monges beneditinos de Maredsous, Bélgica; as letras maiúsculas e minúsculas estão reproduzidas tal como ficaram registradas no exemplar das edições Ave Maria.

Na tradição semítica, a embriaguez é uma metáfora do conhecimento iniciático. E o próprio Cristo, segundo as palavras que pronunciara na última ceia com os seus discípulos, associou o vinho, sumo transfigurado da videira, ao sangue sacrificial. Assim, essa passagem do antigo testamento, sob o prisma da iniciação e dos mistérios cristãos, figura como uma antevisão, pois nela se inscreve o destino do próprio Henrique, que morreu sob brutal tortura e teve a mais genuína passagem, também como um mártir do amor crístico, nos anos de chumbo da ditadura militar no Brasil! Que Antônio Henrique tenha intuído o seu trágico destino e legado perene quando escreveu para Denis Antônio, foi porque muito mais do que laços juvenis ou o nome de batismo os aproximava. Assim como a Frei Tito, reunia-os, sobretudo, o sólido vínculo das três dimensões a que cada um deles, a seu próprio modo ou desígnio, estaria ligado para sempre: a liberdade, a história e a amizade.

Emilia Maria M. de Moraes

Profa. aposentada do Departamento de Filosofia da UFPB

Recife, 19 de setembro de 2012